

## *Conspiração da Neve de José Augusto Seabra (1999)*

Micaela Ghiteșcu  
*Romênia, União dos Escritores da Romênia*

José Augusto Seabra, poeta, ensaísta, investigador – sobretudo pessoano –, professor e, *last but not least*, diplomata e político, foi – na minha Romênia “em transição” do totalitarismo mais exacerbado a uma democracia ainda frágil – a personalidade do corpo diplomático que mais profundamente integrou a nossa vida político-social e que, pela sua atividade publicística, deixou rastros mais duradouros na nossa cultura. Nos poucos anos que permaneceu entre nós (1997-2001), conseguiu não só estar a par da vida literária contemporânea, mas também conhecer os nossos clássicos. Além de vários artigos publicados em prestigiosas revistas culturais, à iniciativa e com o apoio de José Augusto Seabra editaram-se alguns livros importantes, em edições bilíngües e em ótimas condições gráficas, a saber: *O roteiro de Vasco da Gama* escrito por Álvaro Velho, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, o poema *Europa* de Adolfo Casais Monteiro, *Camões e Eminescu*, ensaio de Mircea Eliade acompanhado por uma antologia poética. A mais, honrou com prefácios exemplares – verdadeiros ensaios – algumas traduções minhas, como *A terapêutica da libertação*, ensaios de Fernando Pessoa, a antologia *O homem das fontes e outros contos portugueses*, uma coletânea de poemas do romeno Lucian Blaga, *Nas cortes da saudade* (publicada em Coimbra). Ultimamente, e já um ano depois do fim da missão na Romênia, saiu uma antologia de versos de Fernando Pessoa traduzidos por Dinu Flamand, que tem também um estudo-prefácio devido a José Augusto Seabra.

Todos esses livros, que permanecerão nas bibliotecas públicas e privadas da Romênia como rasto da estada de Seabra nas nossas paragens, serão coroados pelo volume de versos *Conspiração da neve* que tive a honra e felicidade de traduzir para o meu idioma e que saiu em Bucareste em 1999, em edição bilíngüe também, compreendendo 41 poemas, divididos em três partes.

Ao abrir esse volume para vocês, vou citar alguns trechos da Introdução (intitulada *As epígrafes*) do próprio autor que explica a gênese dos poemas – introdução que é, aliás, um verdadeiro poema em prosa:

Ao voar para Bucareste, a branca, já a neve povoava as minhas visões fantasmáticas do inferno e do purgatório de uma Dácia mítica, onde os Cárpatos eriçavam para o céu os cabelos de um Drácula grisalho. ... Percorri, rasto a rasto, rosto a rosto, as sombras sobreviventes dos cárceres e das ossadas, as campas e os descampados do silêncio raso, espiando um a um os indícios dos arquivos da vergonha, soterrados entre as pregas do tempo enregelado. E os poemas foram vindo, nos interstícios da neve rarefeita, a conspirar nas noites longas de Bucareste, esgarçada nas árvores crucificadas, escorrendo sangue negro. É dessa conspiração secreta que eles aqui testemunham, discretamente, em balbúcios que se esvaem na música muda de um requiem ou de uma ressurreição.

Para os leitores romenos, a publicação de *Conspiração da neve* foi uma surpresa e um acontecimento, porque, como nota o professor e escritor Mihai Zamfir <sup>[2]</sup> (ele próprio ex-embaixador da Romênia em Lisboa), “a Romênia que, pouco a pouco, toma corpo nos versos de José Augusto Seabra é uma Romênia concreta, material, mas também cultural”.

A maioria dos poemas têm em epígrafe versos de conhecidos poetas romenos, que são como um ponto de partida, mas também parecem ir ao encontro do poema que seguirá. Lisonjeou-me o fato de ter Seabra escolhido uma frase minha como epígrafe do poema que abre o volume, a saber: “Libertado, um preso partiu a pé para Bucareste, mas logo voltou, por não ter podido enfrentar a neve”. E o poema é:

A neve em Bucareste ainda sangra  
em bâtegas por dentro. Ainda alaga  
as pálpebras do medo. Com seu látego  
de relâmpagos cegos. Como lâminas  
gastas:

entre a pele

e a alma.

Assim, as epígrafes são outras tantas gravações em pedra da história contemporânea, ou, melhor, da tragédia romena, devidas a um poeta português que encontrou inspiração em outros poetas, desta vez romenos, como num permanente diálogo. Trata-se geralmente de poemas políticos sublimados, que têm a densidade lírica de um *haikai* e exprimem, entre uivo e cicio, como no sopro urgente da palavra, a sua solidariedade para conosco, em volta da neve, tornada símbolo. Essa neve, algo espantosa para quem vem de um país meridional, se está derretendo lentamente, torna-se névoa, tal o despertar do sono “de morte” em que jazíamos:

Neve ubíqua quebrando  
os espelhos do vento  
na luz ondular quando  
rasando se concentra  
no olhar e declinado  
explode para dentro.

Confesso que traduzir os poemas de José Augusto Seabra foi-me tarefa fácil e difícil, ao mesmo tempo. Fácil, porque era a primeira vez, em mais de 30 anos de tradução literária, que tinha o autor a traduzir “ao alcance” para discutirmos juntos as dúvidas, as sugestões, o que ficava subjacente. Mas também difícil, porque tais textos concentrados, que apresentam em poucas palavras imagens e idéias perturbadoras, obrigavam-me a penetrar verticalmente no âmago do poema sem me expandir horizontalmente em busca de outras formas para exprimir o que já tinha a imutabilidade da perfeição formal. Como, por exemplo, no poema “Bucareste”, cuja epígrafe é “Bucareste, à direita, à esquerda, está aí sem estar” de Mircea Cărtărescu, e que soa assim:

Buscas de Bucareste o lado errado  
onde não é nem está. De Bucareste  
hás-de buscar e errar o outro lado  
de Bucareste: o resto o resto o resto.

A primeira parte do volume, integrada por 15 poemas, tem conotações sobretudo políticas: a neve salpicada de sangue em dezembro de 1989, as asas rotas dos anjos, a vida que se vendia barato, as grades que pesavam sobre a nossa carne, os poetastros de Corte que bailavam na corda bamba, o medo e, finalmente, o peso da liberdade, eis a realidade histórico-política que inspirou o poeta. Vale a pena citar agora o poema “Funâmbulo” sobre os poetas de Corte durante a ditadura. A epígrafe, citação dum dramaturgo romeno que vive em Paris, Matei Visniec, é esta: “Cada poema respondia que sim, cada sim volvia-se o seu não, assim era então...”. E agora o poema:

Entre poema sim poema não  
o poeta funâmbulo sorria  
e sobre a corda bamba respondia  
um sonâmbulo sim um sonâmbulo não  
e o poema exacto não saía  
entre poeta sim poeta não.

Vê-se pois como Seabra sabe ultrapassar o circunstancial, dando aos seus versos uma profunda tensão poética.

Na segunda parte da coletânea, formada de 14 poemas, a neve torna-se símbolo, tanto de ocultação como de esperança, como judiciosamente observa Maria Helena da Rocha Pereira <sup>[3]</sup>.  
Ocultação em “Interestícios”:

Entre a pele e o rosto  
há as rugas do vento  
há as fendas do tempo  
as carícias por fora  
as carícias por dentro  
  
entre a pele e a pele

há o rosto sem rosto  
há a neve tão velha.

Mas a neve tem também conotação de esperança *discreta* e um pouco sinistra, como em “Ressureição”:

Quando ainda respiras  
com as unhas, emerge  
por debaixo da neve  
escavando as raízes  
das ossadas que restam  
do teu corpo esvaído  
de cadáver discreto.

A terceira parte, finalmente (12 poemas, mais compridos, de 3-4 estrofes) tem inspiração cultural francamente explícita. Em “A Ovídio” lembra Seabra que o poeta latino consumou o seu exílio – e consumou-se – nas margens do Ponto Euxino (atual Mar Negro) na cidade de Tomos ou Tomi (atual Constantza) da antiga Dácia onde os Romanos vieram estabelecerem-se nos começos do século II. Foi em Tomi que Ovídio escreveu as elegias do exílio *Tristia* e as epístolas do Ponto *Epistulae ex Ponto*, remarcáveis pela sensibilidade emocional e o patetismo quase romântico, concorrendo com a tragédia. Pergunta-se Seabra, dirigindo-se “A Ovídio”:

Que palavra sem língua  
se perdeu, ó Ovídio,  
entre o Lácio e o exílio,  
entre a Dácia e o olvido?

Quem lhe sabe o indício  
e ta sopra ao ouvido  
no seu último cício  
do som para o sentido?

Há também a Ode “Da Alegria”, da IX-a Sinfonia de Beethoven, num “quase-soneto”:

Que voz reconcilia  
o sangue, assediado  
pela música fria  
dos lábios, modulada

na clave tão sombria  
onde a loucura arde  
assim cega e vazia?  
Não é voz: só o bafo

sereno da alegria  
atravessando a alma  
num íntimo arpejo

enquanto a melodia  
circula pelo sangue  
que a voz reconcilia.

Tudo é, pois, fonte de inspiração para José Augusto Seabra. Um exemplo da maneira espontânea como surgiam as idéias e os subseqüentes versos seria o poema “Dossier” cujo *nascimento* presenciei. Participávamos ambos, o embaixador Seabra e eu, como representante da sociedade civil, numa reunião da Unesco sobre a muito controversada questão dos arquivos da Securitate (a nossa PIDE), polícia política do tempo dos comunistas. A determinado momento, o embaixador me pediu uma folha de papel e escreveu, quase diretamente, como sob ditado:

Arquivaram o sangue  
já secando e a saque  
e o sangue era sangue  
gotejando: era sangue  
sequestrado e a saque.

No entanto, essa espontaneidade não oculta a virtuosidade poética (outra *aposta* para o tradutor!). Assim, poder-se-ia citar o poema “Mineralogia” para as rimas difíceis:

No país mineral  
a luz só se refracta  
por dentro, virtual  
e dura: tão compacta  
como o fogo e a cal  
deflagrando na exacta  
explosão do cristal.

tal como o poema “Afasia” (dedicado à censura), para o jogo sutil das assonâncias:

Não soprava palavra  
não saía uma sílaba  
consoante vogal  
entre o dente e a língua.

Mudo mudo mordia  
o murmúrio num bafo  
que a gaguez engolia  
embargando a garganta

ventríloquo ventríloquo  
na censura do nada.

Aqui, gostaria de ler rapidamente – pedindo-lhes desculpa – a minha versão, “Afazie”:

Nu sufla o vorbã  
nu ie<sup>o</sup>ea o silabã  
consoanã vocalã  
dintre dinte<sup>o</sup>i limbã.

Mut mut murseca  
murmurul rãsuflãrii  
gângãveala înghiþitã  
gãtuind gãtlejul

ventriloc ventriloc  
în cenzura-n zadar.

[4]

José Augusto Seabra, diz Álvaro Manuel Machado<sup>[4]</sup>, “abriu-se para uma renovada oscilação entre a palavra e a sua ausência..., em que a memória do poeta e da sua experiência vital se perde na *desmemória*... da palavra sempre suspensa”. E o papel do tradutor de poesia, nesse – segundo a própria expressão de Seabra – “polilóquio diacrônico e sincrônico” é de tecer os fios que entrelaçam civilizações e culturas, ao circularem intertextualmente de poema a poema, de língua a língua, como nesta nossa reunião, aqui, nos Estados Unidos, onde uma romena veio falar de um português que escreveu poemas inspirados num distante país latino das margens de uma Europa eslava.

---

[1]

SEABRA, José Augusto. *Conspiração da neve/ Conspirația zăpezii*. Bucureste: Cartea Românească, 1999. p. 112.

[2]

ZAMFIR, Mihai. Posfácio, *Conspiração da neve/ Conspirația zăpezii*. Bucureste: Cartea Românească, 1999. p. 100.

[3]

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Conspiração da neve – poemas romenos de José Augusto Seabra*. O *Primeiro de Janeiro*, Porto, 17.nov. 1999, p. 4.

[4]

MACHADO, Álvaro Manuel. Org. e dir. *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 443.